

# Escala Wechsler de Inteligência para Crianças (WISC): análise da produção de artigos científicos brasileiros

*Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC): analysis of the production of Brazilian scientific articles*

*Escala Wechsler de Inteligencia para Niños (WISC): análisis de la producción de artículos científicos brasileños*

João Lucas Dias-Viana\*  
Gabriel Vitor Acioly Gomes\*\*

## Resumo

*A Escala Wechsler de Inteligência para Crianças (WISC) é uma bateria psicológica para avaliação da capacidade intelectual e de resolução de problemas de sujeitos entre 6 e 16 anos. Pesquisas com o WISC no Brasil tiveram início em 1960, sendo pesquisado até os dias de hoje e se caracteriza como um dos instrumentos mais importantes para avaliar a inteligência em crianças. Nesta pesquisa objetivou-se analisar a produção científica brasileira de artigos sobre o WISC, disponível nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), enfatizando os estudos que investigaram as qualidades psicométricas do instrumento para atestar a sua cientificidade para uso. Foram selecionados 110 artigos científicos, publicados entre os anos de 1975 e 2018. Resultados apontaram o crescimento no número de publicações, principalmente a partir dos anos 2000 e com predomínio de autores afiliados a instituições localizadas na Região Sudeste do Brasil. Além disso, o WISC-III foi a edição mais utilizada nas pesquisas. De todos os estudos, 57 artigos (51,82%) utilizaram o teste para fins de avaliação e diagnóstico e apenas 19 estudos (16,36%) buscaram*

---

\* Universidade São Francisco. E-mail: jo\_lukas@hotmail.com.

\*\* Universidade São Francisco. E-mail: gabrigom93@hotmail.com.

*as qualidades psicométricas (estudos de validade, precisão, normatização e padronização) do WISC, evidenciando a necessidade de mais pesquisas dessas características para contribuir com a cientificidade do instrumento.*

**Palavras-chave:** *Avaliação Psicológica; Medidas de inteligência; WISC*

## Abstract

*Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC) is a battery of psychological test for the assessment of the intellectual ability and problem solving of subjects between 6 and 16 years old. Research with the WISC in Brazil began in 1960 and is still researched until the present day and is therefore characterized as one of the most important instruments for assessing intelligence in children. The objective of this research was to analyze the Brazilian scientific production of articles on the WISC, available in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Electronic Periodicals in Psychology (PePSIC) databases, emphasizing the studies that investigated the psychometric qualities of the instrument to attest its use. 110 scientific articles, were selected, published between the years of 1975 and 2018. Results pointed to the growth in the number of publications, mainly from the years 2000 and with predominance of authors affiliated with institutions located in the Southeast Region of Brazil. In addition, the WISC-III was the most used edition in the research. Of all the studies, 57 articles (51.82%) used the test for evaluation and diagnostic purposes and only 19 studies (16.36%) searched the psychometric qualities (studies of validity, reliability, normalization and standardization) of the WISC, revealing the need for further studies of these characteristics to contribute to the scientific value of the instrument.*

**Keywords:** *Psychological Assessment; Intelligence Measures; WISC*

## Resumen

*La escala Wechsler de Inteligencia para Niños (WISC) es una batería psicológica que evalúa la capacidad intelectual y de resolución de problemas de sujetos entre 6 y 16 años. Las investigaciones con el WISC en Brasil se iniciaron en 1960 y continúan hasta hoy, caracterizándose como uno de los instrumentos más importantes para evaluar la inteligencia en los niños. En esta investigación el objetivo era analizar la producción científica brasileña de artículos sobre el WISC, disponible en las bases de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Periódicos Electrónicos en Psicología (PePSIC), enfatizando los estudios que investigaron las cualidades psicométricas del instrumento para atestar su cientificidad para su uso. Se seleccionaron 110 artículos científicos, publicados entre los años 1975 y 2018. Los resultados apuntaron el crecimiento en el número de publicaciones, principalmente a partir de los*

años 2000 y con predominio de autores afiliados a instituciones ubicadas en la Región Sudeste de Brasil. Además, el WISC-III fue la edición más utilizada en las investigaciones.

**Palabras clave:** *Evaluación Psicológica; Medidas de Inteligencia; WISC*

A Avaliação Psicológica (AP) configura-se como uma atividade complexa que tem por objetivo produzir hipóteses sobre o funcionamento de um indivíduo ou grupo, por meio de testes psicológicos, entrevistas, dinâmicas e observações comportamentais (Hutz, 2015). Urbina (2014, p. 2) define teste psicológico como “um procedimento sistemático para coletar amostras de comportamento relevantes para o funcionamento cognitivo, afetivo ou interpessoal, e para pontuar e avaliar essas amostras de acordo com normas”.

Dada a relevância que os testes possuem na prática profissional do psicólogo, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou a Resolução nº 009/2018 que estabeleceu diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional e regulamentou o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Dentre os requisitos mínimos exigidos para os testes têm-se as qualidades psicométricas dos instrumentos, que são formados pelos estudos de validade, fidedignidade, normatização e padronização, sendo que estes estudos atestam o caráter científico dos instrumentos e devem ser apresentadas atualizações das pesquisas a cada 15 anos (Conselho Federal de Psicologia, 2018). De maneira sucinta, entende-se que as normas possibilitam atribuir significados aos resultados e a padronização trata da uniformidade dos procedimentos de administração (Pacico & Hutz, 2015), a fidedignidade possibilita estimar o grau de variação dos escores em várias administrações (Zanon & Hauck Filho, 2015) e os estudos de validade correspondem ao grau em que as evidências acumuladas e a teoria apoiam as interpretações dos resultados obtidos dos testes (Urbina, 2007).

Dentre os testes psicológicos existentes aponta-se o *Wechsler Intelligence Scale for Children* (WISC). Conforme apontado por Figueiredo, Pinheiro e Nascimento (1998), o reconhecimento nacional e internacional do WISC tem-se evidenciado ao longo dos anos. Isso pode ser percebido

pelos resultados de pesquisas realizadas. Campos e Nakano (2012), ao analisarem a produção científica brasileira sobre a avaliação da inteligência e questões relacionadas à cognição, destacaram o desenvolvimento da área nos últimos anos. A pesquisa apontou o crescimento no número de publicações científicas nos últimos anos e identificou que as pesquisas realizadas com crianças e adolescentes correspondem à 42,8% do total de estudos analisados, destacando-se o WISC como o segundo teste psicológico mais utilizado pelos pesquisadores (16,5%). Dado semelhante foi encontrado por Suehiro, Benfica e Cardim (2015), ao analisarem a produção científica brasileira relacionada à avaliação cognitiva infantil.

O WISC foi desenvolvido pelo psicólogo norte-americano David Wechsler, com o objetivo de avaliar a inteligência em crianças e adolescentes. Wechsler concebia a inteligência como a “capacidade conjunta ou global do indivíduo para agir com finalidade, pensar racionalmente e lidar efetivamente com seu meio ambiente” (Wechsler, 1944, p. 3). O pesquisador considerava a inteligência como um construto global, por caracterizar o comportamento do sujeito de forma total, mas também multifacetada, composta por diversas capacidades qualitativamente diferenciáveis, manifestando-se sob diferentes condições e circunstâncias.

Por avaliar diferentes aspectos intelectuais, o WISC pode ser utilizado em diferentes situações, dentre elas, a avaliação psicoeducacional, clínica e neuropsicológica, diagnóstico de transtornos do neurodesenvolvimento e transtornos psiquiátricos. Além disso, mostra-se útil na elaboração de intervenções psicoeducacionais individuais por identificar quais capacidades cognitivas do examinando estão bem desenvolvidas e quais necessitam de intervenção (Cruz, 2005).

A primeira edição do WISC foi publicada nos Estados Unidos no ano de 1949, com o intuito de avaliar a inteligência de crianças e adolescentes entre 5 e 15 anos. Nas décadas seguintes, pela influência do efeito *Flynn* (ganhos nas médias em medidas de inteligência com o decorrer do tempo) e para atualização das normas, Wechsler e colaboradores realizaram aprimoramentos teóricos e práticos no instrumento, resultando na publicação das três versões originais da escala, a saber, WISC-R (1974), WISC-III

(1991), WISC-IV (2003) e WISC-V (2014; ainda não disponível no Brasil), indicadas para avaliação de sujeitos entre 6 e 16 anos (Figueiredo, 2000; Nascimento & Figueiredo, 2002).

As primeiras pesquisas com o WISC no Brasil foram realizadas no início dos anos de 1960, pela pedagoga e psicóloga Ana Maria Poppovic. A pesquisadora foi responsável por traduzir a primeira edição do WISC para o português, introduzindo pequenas modificações e adaptações ao contexto brasileiro. No entanto, nenhuma pesquisa de normatização à realidade brasileira havia sido feita. No ano de 1974, uma pesquisa realizada por Paine e Lemgruber (1981) intitulada “Adaptação brasileira da escala verbal do WISC”, teve por objetivo adaptar e normatizar os subtestes da escala verbal do WISC ao contexto brasileiro. Participaram da pesquisa 640 crianças, entre 6 e 15 anos, pertencentes à escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro e do extinto Estado da Guanabara (Figueiredo, Pinheiro, & Nascimento, 1998).

No Brasil, durante muitos anos, as maiores críticas referentes aos testes psicológicos diziam respeito à falta de cientificidade e à ausência de estudos de adaptações à realidade brasileira, os quais eram aplicados sem os devidos estudos psicométricos (Figueiredo & Pinheiro, 1998). Até os anos de 1990, nenhum trabalho de adaptação completo das escalas havia sido realizado. Nessa perspectiva, a pesquisadora Vera Lúcia Marques Figueiredo deu início à pesquisa de adaptação do WISC-III ao contexto brasileiro. Figueiredo realizou a sua pesquisa com 801 crianças e adolescentes, com idades entre 6 e 16 anos, pertencentes à rede pública e privada de ensino, da cidade de Pelotas-Rio Grande do Sul (Figueiredo & Nascimento, 1998). Sua pesquisa tornou o WISC-III disponível para a comercialização e uso profissional dos psicólogos atendendo aos requisitos da época. No dia 14 de junho de 2018, o WISC-III recebeu o parecer desfavorável pelo SATEPSI e só poderá voltar a ser utilizado após apresentar novas pesquisas das qualidades psicométricas (<http://satepsi.cfp.org.br/testesDesfavoraveis.cfm>).

A título de conhecimento, o WISC-III é composto por 13 subtestes que avaliam capacidades cognitivas distintas e oferecem estimativas intelectuais, como o Quociente de Inteligência (QI) Total, QI Verbal, QI de Execução, além de outras medidas fatoriais (Nascimento & Figueiredo, 2002). Os

subtestes Informação, Semelhanças, Aritmética, Vocabulário, Compreensão e Dígitos compõem a parte verbal do instrumento. Completar Figuras, Código, Arranjo de Figuras, Cubos, Armar Objetos, Procurar Símbolos e Labirintos integram o grupo que avalia habilidades percepto-motoras ou de execução (Cruz, 2005).

O WISC-IV é composto por 15 subtestes, divididos em quatro índices: compreensão verbal, organização perceptual, memória operacional e velocidade de processamento. Em relação a sua edição anterior foram retirados os subtestes arranjo de figuras, armar objetos e labirintos e foram incluídos conceitos figurativos, sequência de números e letras, raciocínio matricial, raciocínio com palavras e cancelamento (Wechsler, 2013). Este teste está com o parecer favorável desde dezembro de 2011 (<http://satepsi.cfp.org.br/testesFavoraveis.cfm>), com estudos de normatização até 2026 e de validade até 2031, podendo ser utilizado na prática profissional pelos psicólogos e psicólogas respeitando as datas das pesquisas.

Considerando a relevância do WISC para a prática profissional e sua importância para a avaliação cognitiva de crianças e adolescentes, buscou-se analisar a produção científica brasileira disponível em artigos científicos acerca do WISC, enfatizando os estudos que investigaram as qualidades psicométricas do instrumento. O destaque nos estudos sobre as qualidades psicométricas deu-se pelo fato de que a pesquisa sobre essas características contribuem para uma maior cientificidade do teste para ser utilizado e, ainda que esteja com parecer favorável pelo SATEPSI, deve-se continuar com pesquisas para somar novas evidências ao instrumento. Espera-se que a análise das pesquisas desenvolvidas até o momento colabore para identificação de um perfil de produção sobre o WISC e auxilie no direcionamento de estudos futuros.

## MÉTODO

Foi feita uma busca nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC). O descritor “wisc” foi utilizado para a obtenção dos artigos. Foram recuperados artigos científicos publicados em inglês, português e espanhol. Os critérios

de elegibilidade escolhidos foram o estudo ser empírico e com amostra brasileira. A busca dos artigos foi realizada em agosto de 2018 de forma independente pelos dois autores deste estudo, com o objetivo de evitar um viés de escolha do material por um único pesquisador. Os resultados foram analisados de acordo com categorias previamente estabelecidas, a saber, informações sobre a autoria do texto, periódico e ano de publicação, instituição a qual o autor estava afiliado, edição do WISC utilizada e objetivo da pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca resultou num total de 132 artigos. Dentre estes, foram selecionados 110 estudos completos que utilizaram o WISC em suas pesquisas (Tabela e lista de referências como documentos suplementares), dos quais 82,93% ( $f = 91$ ) foram publicados em português e 17,27% ( $f = 19$ ) em inglês. Um maior detalhamento da busca realizada pode ser visto na Figura 1.

Os dados foram submetidos à estatística descritiva de acordo com o objetivo do presente estudo. Sobre a autoria dos artigos 70% ( $f = 77$ ) dos estudos foram realizados por três ou mais autores. O predomínio de publicações com múltiplos autores sugere a utilização do teste por laboratórios e grupos de pesquisa. Segundo Souza Filho, Belo e Gouveia (2006), o sistema de coautoria minimiza as dificuldades da pesquisa e favorece a cooperação entre instituições de ensino.

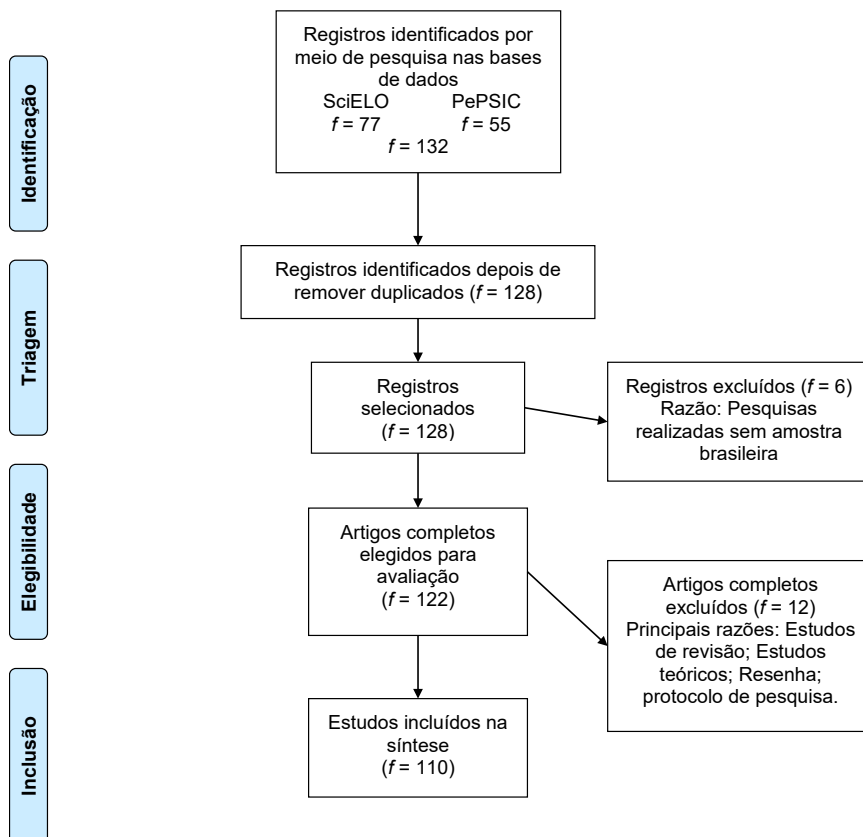


Figura 1 – Diagrama de fluxo de seleção dos artigos baseado no método PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff, & Altman, The PRISMA Group, 2009)

Quanto à área de formação do primeiro autor, 81,82% ( $f = 90$ ) dos estudos foram conduzidos por profissionais de psicologia. Destaca-se que 18,18% ( $f = 20$ ) foram realizados por profissionais de outras áreas do conhecimento como Medicina ( $f = 15$ ; 13,64%), Ciências Biológicas, Enfermagem, Fonoaudiologia, Pedagogia e Terapia Ocupacional, cada uma dessas áreas com um estudo (0,91%). Desses 20 estudos, sete pesquisas não possuíam psicólogos entre os coautores, nem faziam menção da integração de um psicólogo à equipe para administração do WISC. Ainda que no artigo 13 da Lei nº 4.119, de 1962, seja afirmado que o uso dos testes psicológicos com fins de diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional, orientação psicopedagógica e solução de problemas é exclusivo dos psicólogos, não há



impedimento na lei para que outros profissionais usem esses instrumentos em situação de pesquisa. Seja qual for a situação de uso, ressalta-se a necessidade de administração dos instrumentos psicológicos por profissionais que realmente tenham conhecimento e habilidade para tal.

**Tabela 1 – Frequência de artigos publicados por revista**

Periódico	Frequência	Porcentagem
Arquivos de Neuro-Psiquiatria	18	16,36
Psicologia Reflexão e Crítica	10	9,09
Avaliação Psicológica	8	7,27
Psicologia: Teoria e Pesquisa	6	5,45
Revista Psicopedagogia	6	5,45
Boletim de Psicologia	5	4,55
Psicologia em Estudo	4	3,64
Psicologia Escolar e Educacional	4	3,64
Psicologia Hospitalar	4	3,64
Temas em Psicologia	4	3,64
Aletheia	3	2,73
Estudos de Psicologia (Natal)	3	2,73
Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology	3	2,73
Psicologia: teoria e prática	3	2,73
Jornal de Pediatria	2	1,82
Psico-USF	2	1,82
Psychology & Neuroscience	2	1,82
Revista Brasileira de Educação Especial	2	1,82
Revista Brasileira de Psiquiatria	2	1,82
Revista Paulista de Pediatria	2	1,82
Arquivos Brasileiros de Psicologia	1	0,91
Brazilian Journal of Physical Therapy	1	0,91
Clinics	1	0,91
Cuadernos de Neuropsicologia	1	0,91
Estudos de Psicologia (Campinas)	1	0,91
Estudos e Pesquisas em Psicologia	1	0,91
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	1	0,91
Paidéia (Ribeirão Preto)	1	0,91
Psic: Revista da Vetor Editora	1	0,91
Psicologia em Pesquisa	1	0,91
Psicologia Ciência e Profissão	1	0,91
Psicólogo Informação	1	0,91
Revista Brasileira de Reumatologia	1	0,91
Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil	1	0,91
Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva	1	0,91
Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical	1	0,91
Revista de Saúde Pública	1	0,91

Fonte: Elaborada pelos autores

Na Tabela 1 podem ser vistos os dados obtidos sobre a quantidade de artigos publicados por periódico. Totalizaram-se 37 periódicos responsáveis pela publicação dos 110 artigos encontrados. O maior número de publicações foi realizado pelo periódico “Arquivos de Neuro-Psiquiatria” ( $f = 18$ ; 16,36%). Destaca-se o fato de um periódico especializado em neurologia e áreas afins, e não em psicologia, ocupe o primeiro lugar em estudos com o WISC. Este fato reforça a relevância e o reconhecimento que o instrumento possui para outras categorias profissionais, não psicólogos, acrescido ao fato de avaliar aspectos cognitivos, funções executivas e diagnóstico de transtornos do neurodesenvolvimento, importantes domínios para a área das neurociências.

Os demais periódicos que se destacaram quanto ao número de publicações foram os periódicos “Psicologia: Reflexão e Crítica” ( $f = 10$ ; 9,09%), seguido pela revista “Avaliação Psicológica” ( $f = 8$ ; 7,27%). O primeiro é mantido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o segundo pelo Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP), ambos reconhecidos pela pesquisa nacional na área da avaliação psicológica, instrumentos e medidas em Psicologia.

A Tabela 2 mostra a frequência de publicações dos artigos por ano. Nota-se que o primeiro trabalho publicado em periódico científico com o WISC foi no ano de 1975. Destaca-se que nos anos seguintes, até o início de 1990, nenhum estudo foi publicado. Entre os anos de 1991 e 1999, por sua vez, nove artigos científicos foram publicados, dentre os quais, dois referiam-se aos estudos de adaptação e normatização do WISC-III ao contexto brasileiro, conduzidos pela Profa. Dra. Vera Lúcia Figueiredo. Esse aumento de publicação na década de 1990 reforça o apontamento feito por Primi (2010) que a área de Avaliação Psicológica teve um grande desenvolvimento nesse período.

Tabela 2 – Frequência de artigos publicados por ano

Ano de Publicação	Frequência	Porcentagem
1975	1	0,91
1991	1	0,91
1995	1	0,91
1996	1	0,91
1998	5	4,55
1999	1	0,91
2001	5	4,55
2002	3	2,73
2004	4	3,64
2005	1	0,91
2006	3	2,73
2007	7	6,36
2008	5	4,55
2009	8	7,27
2010	8	7,27
2011	7	6,36
2012	9	8,18
2013	5	4,55
2014	9	8,18
2015	12	10,91
2016	6	5,45
2017	6	5,45
2018	2	1,82

Fonte: Elaborada pelos autores

A partir dos anos 2000, notou-se crescimento significativo no número de publicações em relação às décadas anteriores. A publicação da Resolução CFP nº 002/2003, que foi revogada pela Resolução CFP nº 009/2018, gerou um movimento nos pesquisadores em busca de conduzir pesquisas para elevar a qualidade científica de todos os testes psicológicos que eram usados no Brasil para apresentarem os requisitos mínimos e obrigatórios necessários para uso dos profissionais (Pacanaro, Alves, Rabelo, Leme & Ambiel, 2011).

A Tabela 3 apresenta as instituições de ensino superior às quais os autores eram afiliados. Dentre as instituições listadas, pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) realizaram maior número de pesquisas com o teste ( $f = 12$ ; 10,91%).

Tabela 3 – Informações sobre as instituições de origem dos autores

Instituição de Ensino Superior	Frequência	Porcentagem
Universidade Estadual de Campinas	12	10,91
Universidade Federal de Minas Gerais	10	9,09
Universidade Presbiteriana Mackenzie	8	7,26
Universidade de São Paulo	7	6,36
Universidade Federal de São Paulo	7	6,36
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	6	5,45
Universidade Católica de Pelotas	6	5,45
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	5	4,55
Universidade Federal de São Carlos	4	3,64
Universidade Federal do Rio de Janeiro	4	3,64
Universidade Católica de Pelotas	3	2,73
Centro de Estudos em Psicologia da Saúde	3	2,73
Universidade de Brasília	3	2,73
Universidade Federal de Santa Catarina	3	2,73
Universidade São Francisco	3	2,73
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	2	1,82
Universidade Federal do Paraná	2	1,82
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	1,82
Centro Universitário FIEO	1	0,91
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo	1	0,91
Fundação Oswaldo Cruz	1	0,91
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	1	0,91
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1	0,91
Universidade de Passo Fundo	1	0,91
Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto	1	0,91
Universidade do Estado de Mato Grosso	1	0,91
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1	0,91
Universidade Estadual de São Paulo	1	0,91
Universidade Estadual Paulista	1	0,91
Universidade Federal da Bahia	1	0,91
Universidade Federal de Pelotas	1	0,91
Universidade Federal de Rio Grande do Sul	1	0,91
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	0,91
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	1	0,91
Universidade Gama Filho	1	0,91
Universidade Metodista de São Paulo	1	0,91
Universidade Salgado Filho	1	0,91
Universidade Tuiuti do Paraná	1	0,91

Fonte: Elaborada pelos autores

**Tabela 4 – Informações sobre regiões e estados das instituições de origem dos autores**

Classificação		Frequência	Porcentagem
Sudeste	São Paulo	54	49,08
	Minas Gerais	10	9,09
	Rio de Janeiro	10	9,09
Sul	Rio Grande do Sul	22	20,00
	Paraná	4	3,64
	Santa Catarina	3	2,73
Centro-Oeste	Distrito Federal	3	2,73
	Goiás	1	0,91
	Mato Grosso	1	0,91
Nordeste	Bahia	1	0,91
	Rio Grande do Norte	1	0,91

Fonte: Elaborada pelos autores

Os resultados da Tabela 4 indicam que pesquisadores da região Sudeste foram os que mais contribuíram para a divulgação do conhecimento sobre o WISC, reunindo 67,27% (74 artigos) da produção analisada, com destaque para o estado de São Paulo, com 54 publicações (49,08%). A região Sul reuniu 26,36% (29 artigos) das publicações, seguida pelas regiões Centro-Oeste ( $f = 4$ ; 3,64%) e Nordeste ( $f = 2$ ; 1,82%). Destaca-se a ausência de estudos publicados por pesquisadores vinculados à instituições do Norte. Os dados evidenciam a assimetria regional da pesquisa em avaliação psicológica no Brasil com o instrumento WISC.

No que diz respeito à pesquisa em Psicologia e, especificamente, em Avaliação Psicológica, sabe-se que a região Sudeste concentra maior número de programas de pós-graduação e linhas de pesquisa na área de Avaliação Psicológica (Primi, 2010), e conseqüentemente um maior volume de pesquisas e pesquisadores (Souza Filho et al., 2006). Considera-se importante destacar a necessidade de expansão das pesquisas em Avaliação Psicológica para as demais regiões do Brasil além do eixo sul-sudeste, tendo em vista que as variáveis culturais podem interferir nos resultados das pesquisas. O estudo normativo WISC-III, por exemplo, foi realizado com uma amostra restrita ao Estado do Rio Grande do Sul, o que pode enviesar as interpretações quando da comparação com participantes de oriundos de

realidades socioculturais distintas. Quanto maior a diversidade da amostra, com participantes oriundos das diversas regiões brasileiras, melhor será a representatividade para a interpretação dos resultados (Urbina, 2007).

**Tabela 5 – Informações sobre as versões pesquisadas dos artigos**

Edição	Frequência	Porcentagem
WISC-III	82	74,55
WISC-I	15	13,64
WISC-IV	12	10,91
Não informado	1	0,91

Fonte: Elaborada pelos autores

A Tabela 5 apresenta as informações referentes às diferentes versões do instrumento e aos objetivos das pesquisas. No período analisado, a terceira edição do instrumento foi a mais utilizada totalizando-se 79,81% das pesquisas, e com maior número de estudos relacionados às qualidades psicométricas. O aumento do número de pesquisas com o WISC-III em relação à sua edição anterior pode estar relacionado à publicação da Resolução CFP nº 002/2003 e ao desenvolvimento da avaliação psicológica no Brasil a partir dos anos de 1990 (Primi, 2010). O número reduzido de publicações com o WISC-IV, edição mais atual do instrumento, pode estar associado ao fato da recente publicação do teste, ocorrida em 2013 além de se considerar o tempo de realização de pesquisa e de publicação de um artigo científico.

**Tabela 6 – Informações sobre os objetivos das pesquisas**

Edição	Objetivo	Frequência	Porcentagem
I	Avaliação e Diagnóstico	7	6,36
	Avaliação de Intervenção	3	2,73
	Relação entre construtos	2	1,82
	Qualidades psicométricas do WISC	1	0,91
	Critério de inclusão em pesquisa	1	0,91
	Evidências de validade para outros instrumento	1	0,91
III	Avaliação e diagnóstico	42	38,18
	Qualidades psicométricas do WISC	16	14,55
	Evidências de validade para outros instrumentos	14	12,73
	Avaliação de Intervenção	4	3,64
	Correlação entre construtos	4	3,64
	Critério de Inclusão em Pesquisa	2	1,82
IV	Avaliação e Diagnóstico	8	7,27
	Qualidades Psicométricas do WISC	2	1,82
	Critério de Inclusão em Pesquisa	1	0,91
	Evidências de validade para outros instrumentos	1	0,91

Fonte: Elaborada pelos autores

Conforme os dados da Tabela 6, foram encontrados 19 estudos que pesquisaram sobre as qualidades psicométricas do WISC em suas diferentes versões. Eles serão descritos a seguir de acordo com a data de publicação. Para a primeira edição do instrumento, encontrou-se o estudo de Dal Vesco, Mattos, Beninca e Tarasconi (1998) teve como objetivo realizar um estudo de validade preditiva do WISC-I (Poppovic, 1964) para o desempenho escolar. O estudo foi realizado com 20 alunos (10 de escola pública e 10 de escola privada), com idades de 8 a 13 anos. Os resultados apontaram que não houve correlação entre os resultados do WISC e o rendimento escolar. Na comparação entre os tipos de escola, alunos da rede particular de ensino tiveram melhor desempenho nas variáveis Compreensão, Vocabulário e Códigos.

Os primeiros estudos com o WISC-III no Brasil, abordaram a adaptação e normatização do teste. Figueiredo e Pinheiro (1998) publicaram os dados referentes aos estudos de adaptação do WISC-III para a população brasileira. Os resultados evidenciaram que o teste manteve as características

psicométricas da edição original americana e apontou a necessidade de alterações nos itens dos subtestes verbais, principalmente Informação e Vocabulário para a edição brasileira.

Ainda referente aos estudos de adaptação do WISC-III à população brasileira, Figueiredo, Pinheiro e Nascimento (1998) apresentaram os dados referentes à escala verbal do teste. Participaram do estudo 116 crianças, com idades entre 6 e 16 anos, matriculadas em escolas da rede de ensino público e privado da idade do Rio Grande do Sul. Os resultados apontaram índices adequados de consistência interna do conjunto verbal do teste. Destacou-se a necessidade de alteração de alguns itens, principalmente nos subtestes Informação e Vocabulário.

Nascimento e Figueiredo (2002) apresentaram dados referentes à padronização do WISC-III e Escala de Inteligência Wechsler para Adultos III (WAIS-III), resultantes dos estudos de adaptação, validação e normatização para uso no Brasil. As pesquisas resultaram em mudanças nos conteúdos de alguns itens dos subtestes verbais, ordem de apresentação dos itens, nos tempos limites e na concessão de bônus, nos critérios de início e suspensão da aplicação e alterações nos grupos etários para os quais foram estabelecidas normas.

No que diz respeito à normatização, Figueiredo e Nascimento (2007) apresentaram os resultados das amostras de normatização brasileiras no teste de Dígitos do WISC-III e WAIS-III. Quanto ao desempenho das crianças brasileiras no teste, não foram encontradas diferenças quanto ao máximo de dígitos memorizados (ordem direta e inversa), com pontos de referência semelhantes ao da amostra americana.

Quanto à precisão do WISC-III, dois estudos foram encontrados. Figueiredo, Araújo, Dias e Buseti (2010) realizaram um estudo de precisão entre avaliadores de alguns subtestes que envolvem maior subjetividade na correção, sendo eles, os subtestes Semelhanças, Vocabulário e Compreensão do WISC-III. Participaram da pesquisa 42 psicólogos, os quais corrigiram 6 protocolos da amostra de padronização brasileira. Semelhanças apresentou maior concordância entre os avaliadores, Vocabulário apresentou maior variabilidade, seguido de Compreensão. Os resultados destacaram que a



subjetividade do avaliador durante a correção do teste e a competência do profissional em administrar corretamente o instrumento são cuidados que tendem a evitar correções e interpretações equivocadas.

Tendo em vista que a subjetividade dos psicólogos que utilizam o WISC pode interferir na correção do teste, Araújo e Figueiredo (2013) realizaram um estudo de fidedignidade por meio da concordância entre avaliadores. Três protocolos foram selecionados aleatoriamente da amostra de padronização brasileira, os quais foram pontuados por 42 psicólogos. A precisão foi calculada por meio do índice de correlação intraclasse com base nos escores gerais. No geral, os resultados dos coeficientes foram considerados fortes, embora os subtestes Vocabulário, Semelhanças e Compreensão tenham apresentado maior variabilidade na pontuação.

No que diz respeito as evidências de validade, Flores-Mendonza, Mansur-Alves, Lelé e Bandeira (2007) investigaram se havia diferenças relacionadas ao sexo no fator g (inteligência geral) e em habilidades específicas (evidências de validade baseada na relação com outras variáveis). Participaram da pesquisa 1.316 crianças mineiras e 779 gaúchas, ambos os sexos, com idades entre 4 e 11 anos. A análise individual dos testes e a utilização do Método dos Vetores Correlacionados apontaram a inexistência de diferenças cognitivas relacionadas ao sexo, corroborando pesquisas internacionais da época (Lynn & Irving, 2004; Pezzuti & Orsini, 2016).

O estudo de Cavalini, Mecca, Pinheiro, Cruz-Rodrigues e Macedo (2015) investigou a influência dos níveis socioeconômicos e do tipo de escola na capacidade intelectual dos indivíduos (evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis). Foram avaliadas 269 crianças entre 6 e 9 anos de idade, alunos de escolas públicas e privadas. Os resultados apontaram que os alunos da rede privada de ensino apresentaram melhor desempenho nos índices globais e fatoriais dos subtestes do WISC-III, quando comparados aos alunos de escolas públicas.

Três estudos investigaram evidências de validade com base na estrutura interna do instrumento. O primeiro foi conduzido por Rubik e Toni (2012) que realizaram análise da estrutura fatorial e estudaram a validade de construto do subteste Labirintos do WISC-III, por meio do uso de análise fatorial exploratória (método de componentes principais; rotação *varimax*).

Compuseram a amostra 100 sujeitos, entre 8 e 16 anos, ambos os sexos. Os resultados apontaram a presença de dois fatores para o subteste Labirintos, o que sugeriu a presença de um fator subjacente ao fator principal, associado à função executiva de planejamento.

O estudo de Figueiredo, Mattos, Pasquali e Freire (2008) avaliou as propriedades psicométricas dos itens dos subtestes do WISC-III referentes à dificuldade, discriminação e validade. As análises foram feitas com base nos 801 protocolos dos participantes da pesquisa de adaptação ao contexto brasileiro. Os resultados apontaram que os itens apresentavam qualidades psicométricas adequadas, com maior quantidade de itens com dificuldade mediana e poucos itens com baixo poder de discriminação. Os autores apontaram a necessidade de realização de estudos com populações com altas habilidades e sujeitos com deficiências cognitivas.

O estudo de Vidal e Figueiredo (2013) buscou evidências de validade com base na estrutura interna, com o intuito de verificar qual o modelo fatorial mais adequado para o WISC-III para avaliação de crianças com dificuldades de aprendizagem. Foram utilizados 263 protocolos de alunos encaminhados para avaliação psicológica por seus professores. Utilizou-se as técnicas de análise fatorial exploratória e confirmatória. Os resultados apontaram evidências que consolidam a validade interna do teste, com a presença de um fator geral (QIT), o conjunto verbal e de execução (QIV e QIE) e quatro índices fatoriais (CV, RD, OP e VP). Embora dois modelos trifatoriais tenham mostrado vantagens quanto à parcimônia, o modelo quadrifatorial apresentou melhores índices nas análises confirmatórias e foi mais indicado para aplicação no grupo com dificuldades de aprendizagem.

Referente à validade diagnóstica do WISC-III, quatro estudos foram encontrados. O estudo de Tonelotto (2001) teve como objetivo verificar a utilização do WISC-III na identificação de dificuldades de atenção em escolares. O estudo apresentou evidências de validade baseada na relação com outras variáveis, com a utilização do WISC e do Roteiro de Investigação da Atenção (RIA). Participaram da pesquisa 29 sujeitos, ambos os sexos, alunos do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Dentre os participantes, 19 possuíam indicativos de dificuldades de atenção. Os resultados apontaram que os sujeitos com dificuldades de atenção apresentaram

desempenho inferior em QI Verbal e Total e nos subtestes Aritmética e Dígitos, que avaliam desatenção e resistência à distrabilidade. Os autores concluíram que o teste é eficiente na detecção de problemas de atenção.

Nascimento e Flores-Mendonza (2007) verificaram a validade do WISC-III e WAIS-III para avaliação da inteligência de pessoas com deficiência visual. Participaram do estudo 120 crianças e 52 adultos residentes de Belo Horizonte. Após a adaptação de alguns estímulos e de algumas instruções, as escalas verbais apresentaram boa consistência interna ( $\alpha > 0,80$ ). Os resultados apontaram que as Escalas Verbais adaptadas do WISC-III e WAIS-III mostraram-se adequadas para a avaliação de populações com deficiência visual. Esta pesquisa traz grandes contribuições para a avaliação psicológica no Brasil, diante da escassez de instrumentos que avaliem essa população em específico.

Ignacio, Gonzalez, Almeida, Andrade e Monteiro (2008) avaliaram a validade do WISC-III no diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Investigou-se a validade do WISC baseada na relação com uma medida externa, a saber, a escala diagnóstica SNAP-IV (para pais e professores). Participaram da pesquisa 30 sujeitos, com diagnóstico de TDAH, ambos os sexos, com idades variando entre 7 e 16 anos. Os participantes foram divididos em dois grupos, o primeiro com 23 sujeitos com diagnóstico de TDAH e o segundo grupo formado por sete sujeitos com TDAH e comorbidades associadas. Os resultados apontaram que todos os participantes apresentaram desempenhos inferiores nos subtestes Informação, Código e Aritmética, quando comparados à amostra normativa. Quando comparados com a amostra geral, apenas o primeiro grupo apresentou resultados inferiores em Dígitos e Procurar Símbolos. Estes dados indicaram dificuldades dos participantes da pesquisa com relação à atenção, velocidade de processamento da informação e concentração.

Hazin et al. (2009) realizaram um estudo de evidências de validade baseado na relação com outras variáveis e investigaram o perfil cognitivo de crianças com altas habilidades. As crianças eram integrantes de um serviço de atendimento específico para altas habilidades e superdotação, avaliadas pela equipe do serviço com habilidade intelectual acima da média considerando suas idades e escolaridade. A pesquisa foi realizada com 16

crianças de uma capital nordestina que tinham a idade entre 6 e 14 anos e responderam ao WISC-III. Os resultados apontaram que 15 sujeitos apresentaram escores de QI total igual ou superior a 129, classificados com um desempenho muito superior quando comparados à amostra normativa. Oito participantes obtiveram discrepância significativa entre QI Verbal (QIV) e de Execução (QIE) em comparação às respectivas normas etárias médias do teste, com resultados variando de 21 a 46 pontos. Salienta-se que uma diferença entre os QIV-QIE de 27 pontos é esperada apenas para 3,1% da população. No entanto, 56,25% dos participantes apresentaram baixos escores no IVP, índice considerado ineficaz para identificação de altas habilidades em crianças. O estudo evidenciou que a superioridade em determinadas habilidades pode ser acompanhada de déficit em outras.

Lopes, Farina, Wendt, Esteves e Argimon (2012) verificaram a sensibilidade do WISC-III na identificação do TDAH. Os autores investigaram a validade do WISC relacionada à escala diagnóstica SNAP-IV para pais e professores (validade baseada na relação com outras variáveis). A amostra foi composta por 80 participantes, ambos os sexos, com idades entre 6 e 15 anos. Dentre os participantes, 64 sujeitos foram diagnosticados com o transtorno. Estas crianças apresentaram resultados menores para QI Global, Verbal e de Execução, quando comparadas às crianças sem diagnóstico. Além disso, diferenças estatísticas significativas foram encontradas, com resultados inferiores nos índices fatoriais ICV, IOP, IRD e IVP para o grupo com TDAH. Os resultados apontaram que o teste é útil para avaliação e identificação do transtorno.

Quanto aos estudos psicométricos do WISC-IV, dois estudos foram encontrados. Ambas as pesquisas utilizam o instrumento em populações específicas.

Meyer e Figueiredo (2014) realizaram um estudo de adaptação de uma forma reduzida do WISC-IV para avaliação de pessoas com deficiência auditiva. Os pesquisadores realizaram padronização do instrumento e validade de conteúdo para essa população. Participaram da pesquisa oito alunos de uma escola especializada. Foram selecionados os subtestes Vocabulário, Semelhanças, Cubos, Raciocínio Matricial, Código, Procurar Símbolos, Dígitos e Sequência de Números e Letras. As instruções e itens

foram traduzidos para a língua brasileira de sinais, foi submetida a peritos e testada em oito alunos com deficiência auditiva. O estudo evidenciou a possibilidade de aplicação do WISC-IV para essa população específica, entretanto os autores destacam a necessidade de realização de estudos com uma população mais representativa.

Macedo, Mota e Mettrau (2017) publicaram um estudo que teve por objetivo buscar evidências de validade da Escala Wechsler - 4ª edição na relação com uma variável externa, a para identificação de sujeitos com superdotação/altas habilidades. O estudo investigou a validade do WISC baseada na relação com uma variável externa, a Escala para Avaliação das Características Comportamentais de Alunos com Habilidades Superiores – Revisada (SRBCSS-R). O instrumento foi aplicado em 68 crianças e adolescentes, de 6 a 16 anos, divididos em dois grupos: um grupo com indicativo de superdotação e outro grupo sem esses indicativos. Os resultados da pesquisa apontaram que o WISC-IV apresentou diferenças estatisticamente significativas em relação ao QI Total e Índices Fatoriais, indicando que o teste discrimina os dois tipos de grupos. Os autores apontaram a necessidade de realização da pesquisa com participantes de outras regiões do Brasil.

Conforme análise dos artigos que objetivaram investigar as qualidades psicométricas para as Escalas Wechsler para avaliação de crianças e adolescentes, o WISC-III se sobressai como a edição mais utilizada em relação às demais versões, com 16 publicações de um total de 19. Além disso, ressalta-se a importância desse instrumento por ser uma estratégia viável para avaliação de populações específicas, como pessoas com deficiência visual e auditiva, identificação de altas habilidades e dificuldades de aprendizagem.

No que diz respeito à avaliação psicológica de pessoas com deficiência, psicólogos contam com o auxílio apenas de entrevistas e observações, devido a insuficiência de testes psicológicos que possuam evidências de validade para essas populações específicas (Lins, Tróccoli & Pasquali, 2017). Avaliar a cognição de crianças e adolescentes com deficiência permite compreender implicações que são decorrentes dela e aquelas que a extrapolam, por exemplo, em decorrência de uma não estimulação, e a

posterior elaboração de intervenções que auxiliem a pessoa no desenvolvimento de estratégias que atendam às demandas relacionadas à aspectos cognitivos, como a aprendizagem, o processo de leitura e escrita, resolução de problemas.

Quanto à avaliação e identificação das necessidades educacionais especiais, como altas habilidades e dificuldades de aprendizagem, o uso de uma medida como o WISC permite explorar diversos domínios cognitivos da criança e do adolescente, identificando quais as suas capacidades mais desenvolvidas e quais aquelas que possuem déficit. Assim, permite ao profissional uma atuação mais específica que atenda à demanda do aluno. Ademais, foram encontrados dois estudos de fidedignidade que apresentaram bons resultados, mas alguns subtestes apresentaram maior variabilidade entre os avaliadores. Desta forma, ressalta-se a importância da condução desses estudos que contribuem com a precisão de mensuração do WISC-III, atestam confiabilidade ao instrumento e embasam cientificamente o profissional em sua tomada de decisão (Urbina, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica dos artigos acerca do WISC nas bases bibliográficas SciELO e PePSIC possibilitou a análise das pesquisas realizadas com o instrumento. Observa-se que a pesquisa com o WISC aumentou, principalmente a partir dos anos 2000, reflexo de um crescimento da área de avaliação psicológica no Brasil, impulsionado pelas resoluções do CFP que dispuseram requisitos mínimos para elaboração e comercialização dos testes e estimularam a pesquisa nessa área. Além disso, observa-se que o WISC tem contribuído não apenas para a Psicologia, como também apresenta relevância para outras áreas do conhecimento, evidenciado por publicações contidas em periódicos que não tem o saber psicológico como escopo principal e pela presença de autores principais que não são psicólogos.

Os resultados apontaram um predomínio de estudos que utilizaram o WISC para avaliação e diagnóstico em detrimento dos estudos que investigaram as qualidades psicométricas. Os resultados evidenciaram a relevância desse instrumento para avaliação de populações específicas,

como crianças e adolescentes que possuem deficiências e necessidades educacionais especiais. Os artigos encontrados demonstram evidências psicométricas que respaldam a utilização do WISC para essas populações, que carecem de medidas válidas e cientificamente embasadas, e contribuem para uma prática confiável. Apesar da relevância desses estudos, a avaliação psicológica de populações específicas no Brasil demanda ampliação no número de pesquisas que qualifiquem e embasem cientificamente o uso de medidas válidas e precisas, fundamental para que o exercício profissional da avaliação psicológica seja conduzido de maneira ética.

Nesse sentido, considerando a relevância do WISC, apontado como um dos instrumentos mais utilizados por profissionais, ressalta-se a necessidade de expansão das pesquisas para as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste brasileiras, considerando a extensão territorial brasileira e a diversidade cultural, socioeconômica, histórica e política específica de cada região, e a influência desses fatores para avaliação de construtos psicológicos. Testes com amostras normativas que compreendam a diversidade geopolítica brasileira permitem a compreensão de condicionantes sociais, históricos e culturais e eleva a qualidade da interpretação dos escores do instrumento (CFP, 2018).

Esta revisão de literatura ateu-se à produção científica brasileira acerca do WISC disponível em artigos publicados em periódicos científicos. Considera-se importante que, em pesquisas futuras, sejam incluídas a produção científica disponível em dissertações e teses, com o intuito de analisar a concordância ou divergência entre os dados aqui apresentados. Além disso, algo a ser investigado com maior detalhamento são as pesquisas sobre o uso do WISC para avaliação e diagnóstico, tendo em vista que o objetivo da presente revisão foi analisar a produção sobre o WISC com foco nos que investigaram as qualidades psicométricas.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, J. M. G. & Figueiredo, V. L. M. de. (2013). Fidedignidade do WISC-III com base na concordância entre avaliadores. *Boletim de Psicologia*, 63(138), 1-10. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S000659432013000100002&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000659432013000100002&lng=pt)
- Brasil. (1962). *Lei n.º 4.119, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. Diário Oficial da União. Brasília. Recuperado em 10 Março, 2018, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l4119.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4119.htm)
- Campos, C. & Nakano, T. (2012). Produção Científica Sobre Avaliação da Inteligência: O Estado da Arte. *Interação em Psicologia*, 16(2), 271-282. doi: 10.5380/psi.v16i2.22619
- Cavalini, S. F. S., Mecca, T. P., Cruz-Rodrigues, C. P. C. & Macedo, E. C. de. (2015). Inteligência: efeito do tipo de escola e implicações na normatização das escalas Wechsler para crianças. *Temas em Psicologia*, 23(2), 493-505. doi: 10.9788/TP2015.2-19
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução CFP nº 002/2003*. Brasília. Recuperado em 10 Março, 2018, de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxoo22003.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). *Resolução CFP nº 009/2018*. Brasília. Recuperado em 10 Março, 2018, de <http://satepsi.cfp.org.br/docs/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>
- Cruz, M. B. Z. (2005). WISC III: escala de inteligência wechsler para crianças: manual. *Avaliação Psicológica*, 4(2), 199-201. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712005000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712005000200011)
- Dal Vesco, A., Mattos, D., Benincá, C. & Tarasconi, C. (1998). Correlação entre WISC e rendimento escolar na escola pública e na escola particular. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 481-495. doi: 10.1590/S0102-79721998000300008



- Figueiredo, V. L. M. (2000). WISC-III. In J. A. Cunha (Ed.), *Psicodiagnóstico-V* (pp. 603-614). Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo, V. L. M. de., Araújo, J. M. G., Dias, T. C. & Busetti, M. V. (2010). Subtestes semelhanças, vocabulário e compreensão do WISC-III: pontuação objetiva ou subjetiva? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 449-455. doi: 10.1590/S0102-79722010000300005
- Figueiredo, V. L. M. de., Mattos, V. L. D., Pasquali, L. & Freire, A. P. (2008). Propriedades psicométricas dos itens do teste WISC-III. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 585-592. doi: 10.1590/S1413-73722008000300020
- Figueiredo, V. L. M. de. & Nascimento, E. do. (2007). Desempenhos nas duas tarefas do subteste dígitos do WISC-III e do WAIS-III. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 313-318. doi: 10.1590/S0102-37722007000300010
- Figueiredo, V. L. M. de. & Pinheiro, S. (1998). O teste WISC-III em uma amostra do Rio Grande do Sul. *Temas em Psicologia*, 6(3), 255-261. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n3/v6n3a08.pdf>
- Figueiredo, V. L. M. de., Pinheiro, S. & Nascimento, E. do. (1998). Teste de inteligência WISC-III adaptando para a população brasileira. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2(2), 101-107. doi: 10.1590/S1413-85571998000200004
- Flores-Mendoza, C. E., Mansur-Alves, M., Lelé, Á. J. & Bandeira, D. R. (2007). Inexistência de diferenças de sexo no fator g (inteligência geral) e nas habilidades específicas em crianças de duas capitais brasileiras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 499-506. doi: 10.1590/S0102-79722007000300018
- Hazin, I., Lautert, S. L., Falcão, J. T. R., Garcia, D., Gomes, E. & Borges, M. (2009). Contribuições do WISC-III para a compreensão do perfil cognitivo de crianças com altas habilidades. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 255-265. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712009000200011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200011&lng=pt&tlng=pt)
- Hutz, C. S. (2015). O que é Avaliação Psicológica – métodos, técnicas e testes. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 11-21). Porto Alegre: Artmed.

- Ignacio, M. G., Gonsalez, S. M. L., Almeida, C. C. R., Andrade, E. R. & Monteiro, L. C. (2008). Escala Wechsler de Inteligência para Crianças (WISC-III) na investigação do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). *Psicologia Hospitalar*, 6(2), 61-73. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092008000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092008000200005&lng=pt&tlng=pt)
- Lins, M. R. C., Tróccoli, B. T. & Pasquali, L. (2017). Avaliação cognitiva de pessoas com deficiência visual. In M. R. C. Lins & J. C. Borsa, *Avaliação psicológica: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 334-354). Petrópolis: Vozes.
- Lopes, R. M. F., Farina, M., Wendt, G. W., Esteves, C. S. & Argimon, I. I. L. (2012). Sensibilidade do WISC-III na identificação do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). *Cuadernos de neuropsicología*, 6(1), 128-140. doi: 10.7714/cnps/6.1.208
- Lynn, R. & Irwing, P. (2004). Sex differences on the progressive matrices: A meta-analysis. *Intelligence*, 32, 481-498. doi:10.1016/j.intell.2004.06.008
- Macedo, M. M. F., Mota, M. E. da. & Mettrau, M. B. (2017). WISC-IV: Evidências de Validade para Grupos Especiais de Superdotados” WISC-IV. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-2. doi: 10.24879/2017001100100213
- Meyer, T. S. & Figueiredo, V. L. M. (2017). Proposta de uma forma reduzida do WISC-IV para avaliação intelectual de surdos. *Avaliação Psicológica*, 16(3), 310-317. doi: 10.15689/ap.2017.1603.12534
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., The PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med* 6(7): e1000097. doi: 10.1371/journal.pmed1000097
- Nascimento, E. do. & Figueiredo, V. L. M. de. (2002). WISC-III e WAIS-III: alterações nas versões originais americanas decorrentes das adaptações para uso no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 603-612. doi: 10.1590/S0102-79722002000300014

- Nascimento, E. do. & Flores-Mendonza, C. E. (2007). WISC-III e WAIS-III na avaliação da inteligência de cegos. *Psicologia em Estudo*, 12(3), 627-633. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a20.pdf>
- Pacanaro, S. V., Alves, G. A. S., Rabelo, I. S., Leme, I. F. A. S. & Ambiel, R. A. M. (2011). Panorama atual dos testes psicológicos no Brasil de 2003 a 2011. Em R. A. M. Ambiel, I. S. Rabelo, S. V. Pacanaro, G. A. S. Alves, & I. F. A. S. Leme (Eds.). *Avaliação psicológica: guia de consulta para estudantes e profissionais de Psicologia*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Pacico, J. C. & Hutz, C. S. (2015). Validade. Em C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 71-84). Porto Alegre: Artmed.
- Paine, P. & Lemgruber, V. (1981). Adaptação brasileira da escala verbal do WISC. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33(1-2), 32-56. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18441/17191>
- Pezzuti, L. & Orsini, A. (2016). Are there sex differences in the Wechsler Intelligence Scale for Children – Forth Edition? *Learning and Individual Differences*, 45, 307-312. doi:10.1016/j.lindif.2015.12.024
- Poppovic, A. M. (1964). *WISC - Escala de Inteligência para Crianças - Manual*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Primi, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 25-35. doi: 10.1590/S0102-37722010000500003
- Rubik, B. S. & Toni, P. M. de. (2012). Análise da estrutura fatorial do subteste labirintos do WISC-III. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 15-27. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432012000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100003&lng=pt&tlng=pt)
- Souza Filho, M. L. de., Belo, R. & Gouveia, V. V. (2006). Testes psicológicos: análise da produção científica brasileira no período 2000-2004. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(3), 478-489. doi: 10.1590/S1414-98932006000300011

- Suehiro, A. C. B., Benfca, T. de S. & Cardim, N. A. (2015). Avaliação cognitiva infantil nos Periódicos Científicos Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 25-32. doi: 10.1590/0102-37722015011755025032
- Tonelotto, J. M. F. (2001). A utilidade do WISC na detecção de problemas de atenção em escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(2), 31-37. doi: 10.1590/S1413-85572001000200004
- Urbina, A. (2007). Fundamentos da Testagem psicológica. Porto Alegre: Artmed.
- Urbina, A. (2014). *Essentials of psychological testing* (2ª ed.). Hoboken: Wiley.
- Vidal, F. A. S. & Figueiredo, V. L. M. de. (2013). Estrutura fatorial do WISC-III em crianças com dificuldades de aprendizagem. *Psico-USF*, 18(1), 23-32. doi: 10.1590/S1413-82712013000100004
- Wechsler, D. (1944). *The measurement of adult intelligence* (3ª ed.). Baltimore: The Williams & Wilkins.
- Wechsler, D. (2013). *Escala Weschsler de inteligência para crianças: WISC-IV*. Manual Técnico. Maria de Lourdes Duprat (Trad.) (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zanon, C. & Hauck Filho, N. (2015). Fidedignidade. Em C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 85-96). Porto Alegre: Artmed.